

ESPECTADOR COMPROMETIDO



Por: José Lapa

Onde se queimam livros, acabarão por se queimar pessoas *Heinrich Heine (1797/1856)*

Há dias, li a seguinte informação na Geografia News: «Empresas de IA, como a Anthropic, compram livros físicos em massa (incluindo usados e raros), cortam as lombadas para digitalização em alta velocidade e destroem os originais. AISBNdb facilita pedidos de mil a um milhão de volumes, mantém os compradores anônimos, oferece NDAs e prefere edições pré-2022 (livres de texto gerado por IA). A Anthropic contratou Tom Turvey, ex-responsável do



Por: Vanda Batista

Há gestos tão antigos que já não os vemos. Encher um copo à mesa é um deles. Fazemo-lo sem pensar, como quem parte o pão ou rega a salada com um fio de azeite, gestos herdados, coreografias de mesa que ninguém nos ensinou e que, ainda assim, todos sabemos executar. E, no entanto, quando o Estado decide inscrever esse gesto no calendário, obriga-nos a olhá-lo de novo. O Despacho n.º 9616/2026, publicado a 30 de julho, instituiu o Dia Nacional da Vinha e do Vinho, a assinalar todos os anos a 31 de julho, a data em que, em 1986, nasceu o Instituto da Vinha e do Vinho.

O diploma diz uma coisa que merece ser lida devagar: o vinho é, a par do pão e do azeite, um dos pilares simbólicos da mesa portuguesa e da própria Dieta Mediterrânica. Não me parece uma frase de circunstância. É a arrumação de uma tríade que estrutura, há séculos, o modo como comemos, recebemos e nos reconhecemos. O pão, o azeite, o vinho, a base sobre a qual se ergueu uma civilização de mesa aberta. Colocar o vinho neste trio é dizer que ele não é acessório do prato: é fundação da cultura.

E poucas heranças estão tão inscritas como esta. Em Portugal, o vinho é primeiro paisagem, e só depois garrafa. A mais antiga das nossas regiões demarcadas, o Douro, foi instituída por alvará régio em 1756, muito antes de o país saber o que era uma denominação de origem, e num tempo em que só os vinhos generosos mereciam do Estado tal cuidado. Foi

Agora somos gladiadores no Coliseu do Polegar

Google Books, para obter "todos os livros do mundo" no Projeto Panama. Um juiz federal dos EUA considerou a prática fair use: como o livro físico é destruído, resta apenas uma cópia digital interna, sem redistribuição. O problema é a perda irreversível de exemplares raros. Livreiros relatam que textos históricos com poucas cópias sobreviventes estão sendo destruídos para treinar modelos». Ora, os livros tiveram a sua primeira impressão na China. O livro impresso mais antigo existente é uma obra do Sutra do Diamante e remonta a 868 EC, durante a Dinastia Tang.

Os novos cavaleiros dos autos de fê vão ter pois muito que "queimar". Uma das grandes preocupações da IA, correspondendo aliás aos tempos correntes, é substituir a memória, ou seja, digitalizar a memória humana e apagar toda a materialidade física. Tal qual escreve o Papa: «Um falso pragmatismo convida-nos a cortar raízes da memória, como se fosse possível inaugurar uma espécie de «nova criação» desligada do passado» (Magnifica Humanitas, 2026, 204. p. 176). O mundo digital, desumanizado, é o que nos espera, o que nos resta, já não há remissão possível. Vai ser este o estar-no-mundo. A arte da paciência, um exercício com futuro. Resistir, a palavra de ordem desorganizada, por digitalizar, ninguém

sabe muito bem como se irá resistir a um inimigo incerto, etéreo, invisível, rico e poderoso. A língua, esse bem supremo com que nos relacionamos, comunicamos, criamos, imaginamos e convocamos a memória, está nesta fórmula perfeita de Salman Rushdie: «A nossa gente dá menos importância à nossa bela e complexa língua do que às grandes e cruas questões do que é correto e o que é incorreto. Deixámos de ser os amantes da poesia que outrora fomos, os aficionados da ambiguidade e devotos da dúvida, e tornámo-nos moralistas de bar. O polegar aponta para cima? Aponta para baixo? Agora somos gladiadores no Coliseu do Polegar» (O Velho da Praça in O Último Instante, 2026: 280). E o conhecimento passa a ser o quê? O que a IA suporta, o que os irrequietos algoritmos desenvolvem, o que a digitalização planeie, tudo isto é futuro, o homem formatado assiste impávido. Ocorre-me, socorre-me, um texto de São Tomás de Aquino: «O conhecimento, por imperfeito que seja, traz à alma a sua mais alta imperfeição quando é orientado para o que há de ser mais nobre." (Suma contra os Gentios). E perece-me que a arena (extintas as polarizadoras ideologias) futura será partilhada entre a imperfeição humana e a perfeição digital. Eu! Imperfeito, me confesso.

Dia Nacional da Vinha e do Vinho

preciso esperar quase dois séculos para que essa atenção chegasse ao vinho de todos os dias: em 1908, uma Carta de Lei estabelece a Região Demarcada do Dão, a primeira do país dedicada aos vinhos de mesa, regulamentada em 1910. Entre uma data e outra desenhou-se o essencial, a ideia de que um vinho pertence a um lugar, e que esse lugar merece nome e proteção.

A partir daí, o mapa foi-se povoando de nomes que hoje dizemos com naturalidade. No mesmo impulso de 1908 nascem os Vinhos Verdes, no Noroeste húmido e granítico, com o seu Alvarinho de frescura inconfundível. A Bairrada faz da casta Baga e dos seus espumantes uma assinatura. O Alentejo, demarcado apenas em 1988, mas herdeiro das talhas de barro que os romanos aqui deixaram, mostrou como uma região se pode reinventar sem perder a raiz. E a estes juntam-se dezenas de outros: Colares e as suas vinhas de pé franco plantadas na areia, Bucelas, Carcavelos, Setúbal e o seu moscatel, o Tejo, Trás-os-Montes, a Madeira, os Açores. Cada um é um mosaico de castas, solos e mãos, um modo particular de dizer o mesmo fruto de maneira diferente. É essa diversidade, a profusão de vinhas antigas, a riqueza de um património de castas quase sem paralelo no mundo, que confere aos vinhos portugueses um carácter único e inigualável.

Por trás de cada uma destas designações há uma paisagem que a vinha desenhou e continua a sustentar. Cultivada em cerca de 170 mil hectares, a vinha molda o território, preserva a biodiversidade e guarda saberes transmitidos entre gerações. Dinamiza economias locais, atrai turismo, fixa gente no interior e cria valor onde ele é mais difícil de gerar. Onde há vinha, há trabalho, há memória e há futuro, três coisas que raramente se encontram juntas.

Mas reduzir o vinho a hectares e exportações seria trair aquilo que ele é. Porque

o vinho vive, sobretudo, à mesa e a mesa é o lugar onde uma cultura se conta a si própria. Penso nas vindimas em que famílias inteiras se juntavam, nos almoços que se prolongavam porque havia sempre mais uma história para contar, no copo que se estende a quem chega, mesmo sem se conhecer, só porque chegou. O vinho é, entre nós, uma gramática da hospitalidade. Marca o Natal e a ceia, o batizado e o funeral, o negócio fechado com um aperto de mão e um brinde. Acompanha-nos nos ritos de passagem porque é, ele próprio, um rito: o gesto de erguer o copo e olhar quem está à volta antes de beber diz, sem palavras, que aquele momento importa.

Celebrar a vinha é, por isso, celebrar também a Dieta Mediterrânica, reconhecida pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade. Mais do que um produto agrícola, o vinho é património vivo: símbolo de partilha, de hospitalidade, de mesa aberta. E é aqui que a tradição mediterrânica ensina a distinção essencial, o seu valor não está no excesso, mas no gesto. O consumo moderado, responsável, integrado num modo de vida saudável, que faz da alimentação um fator de cultura, de bem-estar e de coesão social. Beber pouco e bem, em boa companhia e sem pressa, é o oposto de beber muito e depressa; e é nessa diferença, quase impercetível, que se joga a sabedoria de séculos. Brindar com sentido é, também ele, um saber que urge preservar.

Neste Dia Nacional da Vinha e do Vinho, o brinde justo é aos viticultores, produtores, adegas, cooperativas, enólogos e a todos os que, dia após dia, afirmam a excelência dos vinhos portugueses em Portugal e no mundo. A eles se deve que a paisagem se mantenha viva e que a memória não se perca. Porque ao erguer um copo de vinho erguemos muito mais do que uma bebida: erguemos uma paisagem, uma economia e uma herança. Despeço-me com amizade e gratidão.

ANTIGO EDIFÍCIO DO SERVIÇO DA LUTA ANTI-TUBERCULOSA VAI ACOLHER UMA EXTENSÃO DO MUSEU DO CARAMULO



O Município de Viseu vai instalar no antigo edifício do SLAT (Serviço de Luta Anti-Tuberculosa) uma extensão do Museu do Caramulo. O anúncio foi feito pelo presidente da Câmara Municipal, João Azevedo, depois de ter assinado com a ESTAMO - a empresa pública portuguesa responsável pela gestão, valorização e rentabilização do património

imobiliário do Estado – o acordo de transferência do imóvel para a autarquia. Um desfecho que nunca chegou a concretizar-se, apesar das diligências feitas nesse sentido, com o anterior presidente, Fernando Ruas, que já então projetava aproveitar o imóvel para ali instalar serviços de saúde.

Consumada que está agora a transferência para o

Município de um edifício abandonado há anos e localizado em pleno centro da cidade de Viseu (Rua do Hospital, junto à Pousada), João Azevedo reconhece a importância deste acordo que se materializará, segundo o autarca "num projeto que dará uma nova vida a um edifício emblemático que estava abandonado, promovendo assim um novo equipamento que reforçará

VEU DÃO LAFÕES PREPARA ECLIPSE SOLAR COM DISTRIBUIÇÃO DE ÓCULOS CERTIFICADOS

Um planetário insuflável, telescópios solares, experiências imersivas e distribuição de óculos certificados vão levar a astronomia a vários municípios da região.

São algumas das ações promovidas pela CIM Viseu Dão Lafões, a propósito do eclipse solar que, aqui, este fenómeno, visível no próximo dia 12 de agosto, atingirá uma taxa de ocultação do Sol entre os 92% e os 98%.

Para que o momento possa ser vivido em segurança e com maior conhecimento sobre este fenómeno astronómico, a Comunidade Intermunicipal (CIM) Viseu Dão Lafões, em parceria com o UC Exploratório – Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra, está a promover um conjunto de ações

de sensibilização em vários municípios da região. As ações serão conduzidas por monitores especializados, que irão explicar as características do eclipse, esclarecer dúvidas e sensibilizar para a importância da utilização de equipamentos adequados durante a observação.

O destaque vai para o Hemispherium Viajante, um planetário insuflável equipado com tecnologia de projeção imersiva a 360 graus, onde foi exibido um filme especialmente produzido para explicar o eclipse solar. Já esteve instalado em Viseu, São Pedro do Sul e Penalva do Castelo.

Também o Município de Aguiar da Beira associa-se a esta iniciativa, promovendo a distribuição de óculos certificados para observação do eclipse so-

lar, de modo a que a população possa acompanhar este fenómeno em segurança.

Já a CIM Viseu Dão Lafões irá promover uma campanha de sensibilização do fenómeno astronómico.

João Azevedo, Presidente da CIM Viseu Dão Lafões, considera que "o eclipse solar constitui uma excelente oportunidade para despertar a curiosidade pela ciência e aproximar o conhecimento das pessoas. Com estas iniciativas, em parceria com a Universidade de Coimbra, queremos proporcionar uma experiência enriquecedora, acessível a toda a população e, acima de tudo, garantir que a observação do eclipse decorra em total segurança".

Por sua vez, o Secretário Executivo da CIM Viseu Dão

a estratégia municipal de aumento da oferta de espaços de fruição pública".

Aos jornalistas, no final de uma reunião do executivo, João Azevedo confirmou que após obras de reabilitação, orçadas em cerca de 300 mil euros, o antigo edifício do SLAT será transformado, através da museologia, da arte contemporânea e das suas exposições pontuais, numa "porta de entrada" para o Museu do Caramulo, aproveitando assim "um ativo de excelência" da região.

"O turista vem a Viseu, aproveita, vê aquele espaço e pode ir ao Caramulo. Vai ao Caramulo, sabe que está aqui esta extensão e vem a Viseu", concretiza o autarca que, para o efeito, adianta que será celebrado um protocolo entre a autarquia e o Museu.

Na mesma cerimónia realizada no Porto e presidida pelo Ministro das Infraestruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz, foram assinados 18 acordos com 16 municípios, para um total de 21 imóveis.